



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO/ CEPRE(Centro de Estudos e Pesquisa em  
Reabilitação)

ROSANA CHEFFER

**A LINGUAGEM ENTRE O PROFESSOR OUVINTE E ALUNO SURDO**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado como exigência parcial  
para o curso de Pedagogia da  
Faculdade de Educação da  
Universidade Estadual de Campinas,  
sob orientação da Profa. Dra. Maria  
Cristina da Cunha Pereira  
Yoshioka(CEPRE)

CAMPINAS  
2003

© by Rosana Cheffer, 2003.

UNIDADE...	FE
Nº CHAMADA:	ICC/unicamp
	C415L
V:.....EX:.....	
TOMBO:.....	1182
PROC:.....	117104
C:.....D:.....	Y
PREÇO:.....	11,00
DATA:.....	17/02/04
Nº CPD:.....	Intad 310269

**Catálogo na Publicação elaborada pela biblioteca  
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

Bibliotecário: Rosemary Passos - CRB-8ª/5751

C415L	Cheffer, Rosana. A linguagem entre o professor ouvinte e o aluno surdo / Rosana Cheffer. – Campinas, SP: [s.n.], 2003.  Orientador : Maria Cristina da Cunha Pereira Yoshioka. Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.  1. Linguagem. 2. Educação especial. 3. Surdez. I. Yoshioka, Maria. Cristina da Cunha Pereira. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.
	03-0206-BFE

## **Banca Examinadora**

---

Profa. Dra. Maria Cristina da Cunha Pereira  
Yoshioka  
Orientadora

---

Profª Drª Regina Maria de Souza  
Segunda Leitora

## Resumo

Partindo do pressuposto de que, na formação de professores, não há informação específica sobre a surdez, este trabalho teve como objetivo analisar a linguagem que o professor que ouve utiliza com o aluno surdo, e a sua implicação no processo de ensino - aprendizagem.

Para analisar a interação professor ouvinte e aluno surdo procedeu-se a observações de uma aluna surda, inserida numa escola regular, na interação com diferentes professores ouvintes, em situações variadas.

As observações evidenciaram posturas diferentes das professoras na interação com a aluna surda. Enquanto as professoras de áreas específicas, educação física, artística e religião, falavam com a aluna surda, muitas vezes rapidamente e de costas, a professora polivalente se fazia entender, falando de frente para a aluna, usando gestos e alguns sinais que aprendeu com a aluna.

Essas diferenças deixaram claro que, embora nenhuma das professoras tenha formação específica para trabalhar com alunos surdos, a polivalente demonstrou sensibilidade e disponibilidade em relação às necessidades e possibilidades da aluna surda, o que possibilitou avanço no processo ensino-aprendizagem.

## SUMÁRIO

1. Apresentação.....	02
2. Justificativa.....	04
3. Como é o ouvido e como escutamos.....	05
4. Sobre a surdez.....	06
4.1. História da educação de surdos.....	09
4.2. Língua(gem) e surdez.....	11
5. Língua Brasileira de Sinais.....	12
6. A inclusão.....	13
7. Declaração de Salamanca.....	17
8. Lei de Diretrizes e Bases.....	21
9. Fundamentação teórica.....	23
09.1. Vygotsky.....	23
10. Objetivos da pesquisa.....	29
11. Metodologia.....	30
11.1. Corpus da pesquisa.....	30
11.2. Escola e aluno pesquisado.....	30
11.3. Procedimento e coleta de dados.....	30
12. Análise.....	31
13. Considerações finais.....	37
14. Referências Bibliográficas.....	39
15. Obras Consultadas.....	41
16. Anexo 1: exemplos de alguns momentos da observação.....	42
17. Anexo 2: Entrevista com a professora de educação artística.....	49
18. Anexo 3: Entrevista com a professora polivalente.....	50

## 1.)Apresentação

A idéia deste trabalho surgiu a partir de um estágio de observação, no 2º semestre de 2000.

Este estágio foi realizado em uma escola estadual de Campinas, no Jardim Aurélia, e me proporcionou um contato com a situação de uma criança surda inserida em uma sala de ouvintes.

Meu estágio era feito na primeira série “C”, entretanto tinha contato com a professora de outra primeira , pois uma das minhas colegas de faculdade estagiava nessa sala. E foi a partir de uma conversa diária entre nós duas que surgiu meu interesse pela surdez e mais especificamente pela linguagem na interação entre professor ouvinte e aluno surdo.

Havia na classe um garoto -Rafael- que tinha uma séria dificuldade de relacionamento, tanto com a professora quanto com seus colegas de classe.

Rafael estudava na primeira série, e seu comportamento um pouco agressivo parecia resultado da não compreensão do que as pessoas lhe falavam e vice-versa. Em outras palavras, tanto ele quanto as pessoas com quem interagia na escola tinham dificuldade de se entender, isso se dava porque Rafael não possuía uma fala inteligível e, quando as pessoas lhe falavam , ele olhava diretamente para os lábios do locutor ou colocava seu ouvido o mais perto possível do interlocutor.

Como não entendia grande parte do que a professora falava, seu aprendizado se tornava mais difícil. A professora tentava de todas as maneiras facilitar as coisas para ele: falava mais perto e devagar, porém esta atenção não bastava pois eram trinta e cinco alunos

(mais ou menos) na sala de aula e, assim, esta atenção somente era possível após explicar a matéria e dar lições para os outros alunos. Somente desta forma conseguia atender Rafael individualmente.

Até aquele semestre (2º do ano), a professora acreditava que era uma dificuldade de aprendizagem ocasionada pela dificuldade de fala de Rafael e pediu para que os pais de seu aluno o levassem a uma fonoaudióloga que, ao detectar seu problema de audição, o encaminhou para o CEPRE (Centro de Estudos e Pesquisas em Reabilitação) , na UNICAMP.

No CEPRE, Rafael recebeu acompanhamento de profissionais da área da fonoaudiologia e da psicologia.

Rafael , então, começou a aprender a língua de sinais e a usar um aparelho auditivo.

Todo este acompanhamento fez com que Rafael pudesse compreender a si e aos outros da melhor maneira possível ,evoluindo cada vez mais a qualidade de sua comunicação.

A última notícia que tive foi este melhoramento em seu comportamento, entendimento e, conseqüentemente, uma melhora significativa em seu aprendizado.

## **2.)Justificativa**

Partindo do pressuposto de que, na formação de professores, não há informação específica sobre a surdez, como se pode inserir um aluno surdo em uma sala de ouvintes, sendo que o próprio professor não tem formação específica para tal situação?

A situação relatada anteriormente trouxe uma questão para a minha formação como educadora. Será que realmente os professores estão sendo formados ou preparados para receber alunos surdos em sala de aula?

Acompanhei, no caso de Rafael, o quanto as suas relações dentro da escola foram prejudicadas até o momento em que foi esclarecida sua surdez. Enquanto não teve um acompanhamento especializado, sua aprendizagem se fazia com muita dificuldade.

Depois desse estágio fiquei muito interessada em pesquisar sobre como se dá a linguagem entre o professor ouvinte e o aluno surdo e como isto afeta o processo de aprendizagem do aluno.

### **3) Como é o ouvido e como escutamos**

O ouvido é dividido basicamente em orelha externa, média e interna.

A orelha externa compreende o pavilhão auditivo e o canal auditivo e termina na membrana timpânica.

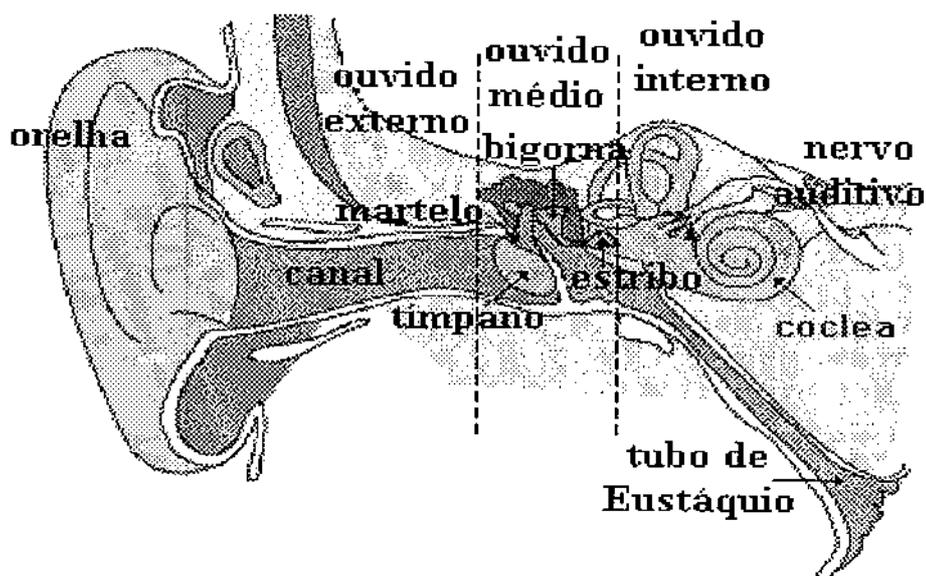
A orelha média compreende a membrana timpânica, os ossículos (martelo, bigorna e estribo). Todo espaço é fechado tendo uma única comunicação com o fundo do nariz que se abre periodicamente, que é a tuba auditiva.

A orelha interna compreende a cóclea, o labirinto e o canal auditivo interno. Da cóclea sai o nervo auditivo e vai pelo canal auditivo interno até o cérebro.

O som se espalha através de uma vibração pelo ar. Esta vibração é captada pela orelha externa (pavilhão auditivo e canal auditivo). Esta vibração atinge a membrana timpânica que funciona como se fosse uma membrana de um tambor super sensível. Estas vibrações fazem a membrana timpânica vibrar. Na membrana timpânica encontra-se fixado um pequeno osso chamado martelo. O martelo está articulado em um outro osso chamado bigorna que, por sua vez, articula-se no estribo. Este conjunto de pequenos ossos se movimenta e faz vibrar a membrana timpânica, amplificando essa vibração como um sistema de roldanas transmitindo-a a uma pequena membrana que se encontra encostada no estribo e oclui o canal da cóclea.

O canal da cóclea é cheio de um líquido e tem a forma em espiral como um caracol. Com a vibração em cadeia de ossículos que conseqüentemente faz vibrar a membrana da cóclea, este líquido se movimenta dentro da espiral coclear. A espiral ou cóclea é revestida

internamente por células ciliadas que ficam embebidas no líquido e se movimentam quando este se movimenta. Esta movimentação gera uma pequena energia elétrica que é transmitida ao cérebro pelo nervo auditivo, onde será decodificada, gerando a compreensão dos sons.



#### 4.) Sobre a surdez

Audição é o sentido responsável por captar as informações sonoras que nos rodeiam, sejam elas sons de palavras ou não. Pelo menos 25 milhões de brasileiros têm diminuição de audição.

A surdez pode causar problemas emocionais e psicológicos, alterações de aprendizado, de fala, problemas profissionais no trabalho, insatisfação e solidão.

A maioria das pessoas com perda auditiva pode ser ajudada por meio de tratamentos médicos, cirúrgicos ou de aparelhos de audição.

Existem basicamente dois tipos de surdez:

A surdez de condução: é a menos comum. Afeta o ouvido externo ou médio e acontece quando as ondas sonoras não são bem conduzidas para o ouvido interno.

Entre as causas estão :

- ✓ Excesso de cera no ouvido
- ✓ Infecções no ouvido : otite secretora ou otite serosa; otite média aguda; otite média crônica
- ✓ Imobilização de um ou mais ossículos, otosclerose

Normalmente os problemas de surdez de condução podem ser resolvidos por tratamento médico (remédios) ou por cirurgia.

O segundo tipo de surdez resulta de impedimento da cóclea, que é o órgão interno da audição, de transformar a energia mecânica da vibração que o som produz em energia elétrica para transmiti-la ao cérebro, que irá entender o som.

Este tipo é conhecido pelos médicos por surdez neurosensorial ou sensorioneural e também é a mais comum.

As causas podem ser várias, desde problemas menores, como diminuição na irrigação sangüínea do ouvido até mais sérias como tumores cerebrais. Estes problemas também ocorrem como parte do processo de envelhecimento. A partir dos 55 anos de idade, a audição pode começar a diminuir, como acontece com a visão em idade menor ainda. Esta diminuição normal da idade varia muito de pessoa para pessoa e está normalmente ligada a herança genética, a condições anormais a que o ouvido tenha sido exposto durante a vida ou a doenças gerais como hipertensão arterial e diabete que podem afetar o ouvido.

Atualmente a grande maioria das pessoas pode ser ajudada. Existem muitas causas da surdez do nervo. Existem duas mais comuns:

- ✓ Exposição ao ruído de alta intensidade ou sons altos
- ✓ Presbiacusia (surdez pela idade)

Outras incluem:

- ✓ Viroses ( rubéola, caxumba)
- ✓ Meningite
- ✓ Uso de certos medicamentos ou drogas
- ✓ Propensão familiar
- ✓ Traumas na cabeça
- ✓ Doenças cardíco-circulatórias
- ✓ Defeitos congênitos
- ✓ Alergias
- ✓ Problemas metabólico (diabete, por exemplo)
- ✓ Tumores

O diagnóstico precoce é crucial para poder controlar e tratar a maioria das causas de surdez.

Nas pessoas com problemas alérgicos ou metabólicos existe tratamento medicamentoso. Nos tumores o tratamento é cirúrgico. Em muitos casos não existe a cura do problema, porém um aparelho auditivo restaura a audição. É como usar óculos para quem não enxerga.

Os aparelhos auditivos tiveram grande avanço tecnológico nos últimos anos, chegando hoje a uma ótima qualidade. Tais aparelhos não curam a surdez, assim como os óculos não curam a cegueira, mas fazem a pessoa ouvir bem, o que acaba sendo um primeiro e ótimo passo para o restabelecimento de um bem estar social , econômico e emocional.

## 4.1) História da educação de surdos

Visando entender um pouco sobre a surdez, iniciei uma pesquisa bibliográfica e obtive as informações que exponho a seguir.

Embora a literatura refira tentativas de educar os surdos desde o século XVII, a primeira escola para surdos foi fundada, em Paris, pelo Abade de L'Epée, no século XVIII.

O Abade Charles De L'Epée usava a língua de sinais na educação de seus alunos e por meio dela eles aprendiam a escrever, assim como desenvolviam conhecimento em várias áreas.

Em 1850, um professor americano, Thomas Gallaudet, estagiou na escola do abade de l'Epée e, ao voltar para os Estados Unidos, levou consigo um professor surdo.

Teve origem, assim, a Língua de Sinais Americana - ASL.

Outro professor surdo formado na escola de L'Epée - Ernest Huet - foi mandado para o Brasil e, com o consentimento de D. Pedro II, fundou, em 1857, a primeira escola para surdos, o INES, no Rio de Janeiro.

Enquanto o Abade de L'Epée formava um número grande de alunos que divulgavam a língua de sinais em diferentes países, outros educadores, como Heinike, por exemplo, defendiam que os surdos deveriam falar para se integrar à comunidade de ouvintes. O movimento de defesa da linguagem oral foi crescendo e, em 1880, no Congresso Internacional de Educadores de Surdos, em Milão, foi proibido o uso da língua de sinais e adotado o método oralista na educação dos surdos. O oralismo foi adotado em todo mundo por oitenta anos aproximadamente.

Nos anos 60, já se tornara evidente que o método oral não proporcionava um nível de linguagem oral para a grande parte dos surdos. Na mesma época, Stokoe iniciou pesquisas sobre a Língua de Sinais Americana e mostrou que ela era uma língua verdadeira, com regras que respondiam pela formação dos sinais e pela organização deles em estruturas frasais.

Os sinais começaram a ser usados na educação de surdos, seguindo a ordem sintática da língua majoritária, na década de 80, o que foi muito criticado por ouvintes e por surdos, uma vez que o objetivo continuava a ser o uso da língua majoritária.

Nos anos 90, é que a língua de sinais começa a ter, no Brasil, lugar em número crescente de escolas para surdos. Este movimento recebeu o nome de bilingüismo e, segundo ele, a língua de sinais vai ser adquirida como primeira língua, sendo que a língua majoritária vai ser adquirida como segunda língua.

Ao longo da história de educação de surdos é possível observar duas concepções sobre surdez e pessoas surdas.

A primeira concepção considera o surdo deficiente em relação à capacidade auditiva.

Considerado como deficiente, o surdo deve usar aparelho de amplificação sonora, se possível, “aprender a ouvir” e aprender a falar, integrando-se na cultura ouvinte.

De acordo com esta visão, o surdo apresenta déficit cognitivo, afetivo e emocional, além de lingüístico. Esta concepção é conhecida como clínico-patológica (Skliar, 1998, p.8).

Na concepção clínico-patológica a escola adota uma pedagogia corretiva, priorizando o ensino da linguagem oral, em detrimento dos conteúdos escolares.

Como afirma Skliar (1997), o surdo é considerado uma pessoa que não ouve e, portanto, que não fala. Desta forma, para o mesmo autor, ele é definido por suas

características negativas. A educação se converte em terapêutica e o objetivo do currículo escolar é dar ao surdo o que lhe falta: a audição e seu derivado, a fala.

A Segunda concepção de surdez considera o surdo como sendo membro de uma outra comunidade lingüística, diferente da dos ouvintes. Essa concepção não pretende que o surdo se assemelhe a um ouvinte, quanto à linguagem oral, e considera ,ainda, que os surdos possuem capacidades de desenvolvimento semelhantes a de qualquer ouvinte. Para esta concepção, conhecida como sócio-antropológica (Skliar,1998,p.8), a língua de sinais é o elemento que vai diferenciar a comunidade surda da ouvinte.

O uso da língua de sinais vai possibilitar aos surdos desenvolverem seu potencial cognitivo, afetivo-emocional e lingüístico.

Na concepção sócio-antropológica, a surdez não é uma doença que necessita de cura, mas uma condição que deve ser aceita. Nessa visão a criança deve ser colocada o mais rápido possível em contato com a língua de sinais, possibilitando o desenvolvimento das estruturas cognitivas e lingüísticas. Por meio da língua de sinais os conteúdos serão trabalhados na escola, propiciando aos alunos surdos o desenvolvimento do seu potencial.

## **4.2)Lingua(gem) e surdez**

Se partirmos do pressuposto de que a linguagem é um sistema de comunicação natural ou artificial, humano ou animal, qualquer atitude que façamos para estabelecer uma interação com algo ou alguém será considerada um tipo de linguagem. No entanto, para que seja possível interagir numa comunidade mais ampla é necessário partilhar a mesma língua.

As línguas, sejam elas orais ou de sinais, contam com um conjunto de regras que os membros de uma mesma comunidade lingüística adquirem de forma natural na interação com usuários da mesma.

As línguas de sinais, por serem visuais/espaciais, são estruturalmente diferentes das línguas processadas pelo canal auditivo.

## **5.) Língua Brasileira de sinais**

LIBRAS, ou Língua Brasileira de Sinais, é a língua usada pelos surdos brasileiros e pode ser aprendida por qualquer pessoa interessada. Como língua, ela é composta de todos os componentes que compõem a gramática de uma língua. Assim, a Língua Brasileira de Sinais apresenta regras que respondem pela formação de sinais, bem como pela organização dos mesmos em frases e textos.

Foi na década de 60 que as línguas de sinais começaram a ser estudadas e analisadas, passando então a ocupar status de língua. É uma língua viva e autônoma, reconhecida pela lingüística.

Pesquisas com filhos surdos de pais surdos estabelecem que a aquisição da Língua de Sinais dentro do lar é um benefício e que esta aquisição contribui para o aprendizado da língua oral como Segunda língua para os surdos.

Os estudos com indivíduos surdos demonstram que a Língua de Sinais apresenta uma organização neural semelhante à exigida para as línguas orais, ou seja, que esta se organiza no cérebro da mesma maneira que as línguas faladas.

Até a década de 80, no Brasil, os surdos eram educados preferencialmente em escolas ou classes especiais. No entanto, nos últimos anos, assiste-se a um movimento de inclusão dos mesmos nas classes comuns.

## 6) A inclusão

Em “Inclusão escolar, o que é? Por quê? Como fazer?”, de Mantoan (2003), é possível compreender que, atualmente, a inclusão é vista como uma crise de paradigmas. Para compreender melhor essa questão é importante definir o conceito de *paradigmas*.

Segundo os gregos, paradigmas “são os modelos, exemplos abstratos que se materializam de modo imperfeito no mundo concreto” (Mantoan, 2003, p.14).

Já para concepção atual consiste nas normas, crenças, ou seja, um conjunto de regras que um grupo vem a partilhar em um determinado momento histórico, relacionado com seu comportamento.

Sendo assim, pode-se entender crise de paradigmas como sendo uma crise de concepções, já que as definições apresentam visões de mundo.

Como qualquer crise, ela traz consigo incertezas e inseguranças, entretanto a liberdade e ousadia que visam novas alternativas as acompanham.

É o que estamos passando neste momento, no campo educacional. Assistimos a uma mudança de concepções e conflitos em relação às mudanças propostas pela inclusão escolar.

Dessa maneira, a inclusão escolar é a modificação do atual sistema de ensino, baseado na ignorância da diversidade cultural e excluindo os acontecimentos externos e ao

seu redor, não admitindo que “aprender implica ser capaz de expressar, dos mais variados modos, o que sabemos, implica representar o mundo a partir de nossas origens, de nossos valores e sentimentos” (Mantoan,2003, p.17).

Partindo do objetivo de tornar a escola inclusiva, é importante e imprescindível modificar seus planos objetivando uma educação para a cidadania, sem preconceitos, valorizando e reconhecendo as diferenças.

É importante também, diferenciar *Integração de Inclusão*.

Segundo o minidicionário ediouro, o termo inclusão significa abranger, compreender, introduzir, relacionar, fazer parte. O termo integração, por sua vez, significa tornar inteiro, completar.

Embora tenham significados semelhantes, são diferentes expressões de inserção.

O integrar, para Mantoan (2003), refere-se à inserção do aluno com deficiência na escola comum, entretanto este termo também pode ser designado para alunos em escolas especiais e pessoas com deficiência.

Enfim, a concepção de inserção parcial, prevendo serviços educacionais segregados, significa que a escola não muda como um todo, não respeitando as diferenças, fazendo assim com que os alunos se adaptem a ela.

Mantoan ainda afirma que “a integração escolar pode ser entendida como especial na educação, ou seja, a justaposição de ensino especial ao regular, ocasionando um inchaço desta modalidade, pelo deslocamento de profissionais, recursos, métodos e técnicas da educação especial às escolas regulares” (2003, p.23).

Por sua vez, a inclusão vem questionar tanto a política quanto a organização da educação especial e da regular. Sendo assim, a inclusão traz como consequência a mudança da expectativa educacional, pois não se restringe apenas aos alunos com

deficiências, mas também àqueles que possuem problemas ou dificuldades de aprendizagem.

A inclusão, para Mantoan, é uma provocação, sob a perspectiva da educação especial, porque seu objetivo é melhorar a qualidade do ensino, englobando todos aqueles que fracassam nas salas de aulas.

Para a autora, “a distinção entre integração e inclusão é um bom começo para esclarecermos o processo de transformação das escolas, de modo que possam acolher, indistintamente, todos os alunos, nos diferentes níveis de ensino” (Mantoan, 2003, p.26).

Mantoan, em seu livro, apresenta três questões que são alvo das iniciativas inclusivas:

### **1ª: A questão de Identidade X Diferença**

Mantoan afirma que

“a inclusão provoca uma crise escolar, ou melhor, uma crise de identidade institucional, que, por sua vez, abala a identidade dos professores e faz com que seja ressignificada a identidade do aluno.(...) O aluno da escola inclusiva é outro sujeito, que não tem um identidade fixada em modelos ideais, permanentes, essenciais” (2003, p32). Assim, continua Mantoan, o direito à diferença nas escolas desestrutura “o sistema atual de significação escolar excludente” (p32).

Tendo a diferença como parâmetro, a igualdade já não é mais uma norma, caindo, assim, a hierarquia das igualdades e diferenças que estruturam a normalização.

### **2ª: A questão legal**

Em relação à questão legal, Mantoan afirma que “quando garante a todos o direito à educação e ao acesso à escola, a Constituição Federal não usa adjetivos e, assim sendo, toda escola

deve atender aos princípios constitucionais, não podendo excluir nenhuma pessoa em razão de sua origem , raça , sexo, cor , idade ou deficiência” (p32).

Para os defensores da inclusão escolar é indispensável que os estabelecimentos de ensino eliminem barreiras arquitetônicas e adotem práticas de ensino adequadas às diferenças dos alunos em geral, oferecendo alternativas que contemplem a diversidade, além dos recursos e equipamentos especializados.

### **3ª:A questão das mudanças**

Em relação a mudanças, Mantoan refere que “a inclusão é uma inovação que implica um esforço de modernização e de reestruturação das condições atuais da maioria de nossas escolas, ao assumirem que as dificuldades de alguns alunos não são apenas deles, mas resultam, em grande parte, do modo como o ensino é ministrado e de como a aprendizagem é concebida e avaliada” (p57).

Em relação à inclusão, Mantoan afirma que existem quatro pontos de mudanças que a escola deverá sofrer:

- 1) Recriar o modelo educativo escolar
- 2) Reorganizar pedagogicamente as escolas, abrindo espaços para que a cooperação, diálogo, solidariedade, a criatividade...sejam exercitados nas escolas , por professores, funcionários e alunos.
- 3) Garantir aos alunos tempo e liberdade para aprender

- 4) Formar, aprimorar continuamente e valorizar o professor, para que tenha condições e estímulo para ensinar, a turma toda, sem exclusões e exceções.

“A escola prepara o futuro e, de certo que, se as crianças aprenderem a valorizar e a conviver com as diferenças nas salas de aula , serão adultos bem diferentes de nós, que temos de nos empenhar tanto para entender e viver a experiência da inclusão” (Mantoan,2003, p.91).

## **7) Declaração de Salamanca**

O movimento de inclusão dos chamados alunos com necessidades educacionais especiais teve início na conferência internacional sobre as necessidades educativas especiais, realizada em Salamanca, na Espanha, em julho de 1994. O objetivo dessa conferência foi fazer com que os compromissos assumidos na conferência Mundial sobre educação para Todos, em 1990, fossem cumpridos e também garantir e reafirmar o direito de cada criança à educação, proclamado em 1948, na declaração Universal dos Direitos Humanos (Penteado,2000). Da conferência de Salamanca resultou um documento, conhecido como declaração de Salamanca.

Segundo a Declaração de Salamanca, as crianças com necessidades educativas especiais devem ter acesso às escolas regulares, que, por sua vez, devem centrar a pedagogia na criança capaz .

Tal declaração veio com a função de melhorar o acesso à educação para aqueles alunos com necessidades especiais, bem como reconhecer como evidência para tal

envolvimento a participação de alto nível de representantes e de vários governos, agências especializadas e organizações inter-governamentais.

Para que isso seja possível os governos devem ter como forma de lei ou política a questão da inclusão. Sendo assim, a Declaração de Salamanca tem a função de fazer com que tal lei ou política seja cumprida por todos os governos.

Dessa forma, como ocorrerá uma mudança sistêmica, os governantes deverão oferecer treinamento para os profissionais da área da educação, tanto os que estão em serviço como os que estão em formação.

A partir dessa declaração, a educação de crianças com necessidades educacionais especiais passa a ser parte integrante de todos os programas educacionais. Assegurar que a educação especial faça parte de toda discussão que se refere à educação para todos, em vários níveis, é um dever do governo, para que essas crianças tenham continuidade em seu processo de aprendizagem.

A seguir discutirei alguns pontos sobre Declaração de Salamanca que me parecem relevantes para este trabalho.

A pedagogia presente na declaração de Salamanca:

“assume que as diferenças humanas são normais e que, em consonância com a aprendizagem de ser adaptada às necessidades da criança, ao invés de adaptar a criança às suas ao invés de se adaptar a criança às suas assunções pré-concebidas a respeito do ritmo da natureza do processo de aprendizagem.(...)Uma pedagogia centrada na criança pode impedir o desperdício de recursos e enfraquecimento de esperanças, tão freqüentemente conseqüências de uma instrução de baixa qualidade e de uma mentalidade educacional baseada na idéia de que um tamanho serve a todos. Escolas centradas na criança são além do mais a base de treino para uma sociedade baseada no povo que respeita as diferenças quanto a dignidade de todos os seres humanos”.

Segundo a Declaração de Salamanca “ Inclusão e participação são essenciais à dignidade humana e ao desfrute e exercício dos direitos humanos” .

Para esse documento, o princípio fundamental da escola inclusiva é o de que todas as crianças devem aprender juntas, sempre que possível, independentemente de quaisquer dificuldades ou diferenças que elas possam ter.

As escolas inclusivas devem reconhecer e responder às necessidades diversas de seus alunos, acomodando os estilos e ritmos de aprendizagem e assegurando uma educação de qualidade a todos por meio de um currículo apropriado, arranjos organizacionais, estratégias de ensino, uso de recurso e parceria com a comunidade. Na verdade, deveria existir uma continuidade de serviços e apoio proporcional às necessidades especiais encontradas dentro da escola.

Um outro fator importantíssimo diz respeito a não participação das crianças surdas e surdas/cegas da inclusão.

Segue abaixo o trecho:

*“A importância da linguagem de signos como meio de comunicação entre surdos, por exemplo, deveria ser reconhecida e provisão deveria ser feita no sentido de garantir que todas as pessoas surdas tenham acesso a educação em sua língua nacional de signos. Devido às necessidades particulares de comunicação dos surdos e das pessoas surda/cegas, a educação deles pode ser mais adequadamente provida em escolas especiais ou classes especiais e unidades em escolas regulares.” (Declaração de Salamanca)*

Isso está previsto na Declaração de Salamanca. Ou seja, o fato dos surdos necessitarem de uma linguagem específica?, a Língua de Sinais, implicaria sua exclusão da classe regular. Porém, o que se apresenta no início da declaração é incluir todas as crianças com necessidades educacionais especiais em escolas regulares.

O movimento educação para todos propõe a escola inclusiva com qualidade para atender à diversidade dos alunos. A Educação para Todos reconhece que as crianças com necessidades educacionais especiais devem ser inseridas dentro de um sistema regular de ensino.

Partindo do pressuposto de que a lei visa garantir treinamento, se todos os profissionais estão ou estiverem capacitados, há condição de inserir tais alunos em sala regular e não discriminá-los.

Pesquisadores da área da inclusão, defendem a inserção dos alunos surdos em salas regulares, baseando-se no “discurso de igualdade de direitos e oportunidade e nos supostos benefícios que emergem no contato dos surdos com os demais alunos. Entretanto, paralelamente a essa postura, fortalece em muitos países, inclusive no Brasil, a luta pelo reconhecimento político da surdez como diferença. Para Dorziat, 1999 em Pedroso, 2001, página 02:

“Só através do reconhecimento dessas diferenças, há chance de se promover uma igualdade de condições de vida entre surdos e ouvintes, ou seja, pelo confronto com a realidade relativa ao surdo”.

Agora, se a Declaração defende que as diferenças humanas são normais, todos devem ter educação em conjunto e não disseminar as crianças com necessidades educacionais especiais em classes especiais. Ou seja, uma vez que todos somos diferentes, não há motivos para separação de crianças, com critério de necessidades especiais, no sistemas educacional.

Mas por outro lado, a Declaração traz consigo todos os aspectos importantes para uma mudança sistêmica: capacitação dos professores, tecnologia apropriada, uma avaliação que acompanhe o progresso do aluno e pesquisas para expor tais experiências.

Entretanto, infelizmente, ao se fazer uma leitura mais crítica e densa da Declaração de Salamanca podemos encontrar alguns pontos ainda a serem discutidos e refeitos, para que contradições, aqui encontradas, não sejam detectadas na própria Declaração. Como por exemplo, por um lado a declaração vem garantir a inclusão das crianças com necessidades educacionais especiais em classes e escolas comuns, por outro coloca que isso somente ocorrerá na medida do possível. Em outras palavras, isso significa dizer que quem irá se adaptar será a criança à escola e não a escola que se adaptará à criança.

## **8) Lei de Diretrizes e Bases**

Como se observa no livro de Iria Brzezinski, LDB interpretada: diversos olhares se entrecruzam”, a Lei de Diretrizes e Bases da educação Nacional foi sancionada em 1996, pelo presidente na época, Fernando Henrique Cardoso, em 20 de dezembro, denominando-se Lei nº9.394/96.

A Lei de Diretrizes e Bases defende que o ensino deverá ser ministrado nos princípios da igualdade de condições para o acesso e permanência na escola; liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento e a arte do saber.

Com relação à educação especial, a LDB afirma que os educandos com necessidades especiais terão direito a um atendimento especializado e gratuito nas redes regulares de ensino, sendo um dever do Estado oferecer tal atendimento.

No capítulo V, a lei trata somente da educação especial.

O artigo 58º traz a definição de educação especial: “entende-se por educação especial, para os efeitos desta lei, a modalidade de educação escolar, oferecida

preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos portadores de necessidades especiais”.

Já no artigo 59º, parágrafo IV, os sistemas de ensino deverão assegurar a “educação especial para o trabalho, visando a sua efetiva integração na vida da sociedade, inclusive condições adequadas para os que não revelarem capacidade de inserção no trabalho competitivo, mediante articulação com órgãos oficiais afins , bem como para aqueles que apresentam uma habilidade superior nas áreas artística, intelectual ou psicomotora.

Por fim, com a LDB, o Sistema Municipal deverá organizar atendimento da modalidade de educação especial em seu município. Tal atendimento deverá ser realizado, preferencialmente, na rede regular de ensino e também deve iniciar-se na educação infantil, com faixa etária de zero à 6 anos.

Essa modalidade deverá ser desenvolvida em classes, escolas ou serviços especializados, caso o aluno não tenha condições de se integrar nas classes comuns de ensino regular.

Como se pode notar, a lei nº9.394/96 consiste em defender o direito à educação aos portadores de necessidades especiais e não sua inclusão nas classes regulares de ensino. O que acontece, na rede regular, é inserir o aluno na rede regular sim, mas em uma classe especializada e não em uma classe regular, como defende a Declaração de Salamanca.

## **9)Fundamentação teórica**

Partindo do pressuposto de que a linguagem é um meio imprescindível para a interação do ser humano na sociedade, este trabalho se fundamenta na teoria de Vygotsky, que afirma que o indivíduo se desenvolve a partir do momento em que entra em contato e interage com o outro.

### **9.1)Vygotsky**

Vygotsky foi um dos teóricos que buscou uma alternativa dentro do materialismo dialético para o conflito de Luría e Leontiev. Construiu propostas teóricas inovadoras sobre temas como a relação do pensamento e linguagem, a natureza do processo de desenvolvimento da criança e o papel da instrução do desenvolvimento.

Segundo Vygotsky, o indivíduo se constitui através da cultura, enquanto ser histórico, ou seja, o desenvolvimento é o processo do indivíduo em contato com a cultura e as bases biológicas. Dessa forma, tal desenvolvimento ocorre de “fora” (intersubjetivo) para “dentro” (intrasubjetivo).

Quando falamos de desenvolvimento, baseando-se em Vygotsky, não devemos esquecer os processos psicológicos elementares e os superiores.

Os processos psicológicos elementares são de origem biológica e são reações automatizadas, ações reflexas ou processos de associação simples entre eventos .

O ser humano tem a possibilidade de pensar em objetos ausentes, imaginar eventos nunca vividos, planejar ações a serem realizadas em momentos posteriores. Esse tipo de atividade psicológica é considerada “superior” na medida em que se diferencia de mecanismos mais elementares, tais como ações reflexas, reações automatizadas ou processos de associação simples entre eventos.

Um exemplo interessante ilustra a diferença entre processos elementares e superiores. É possível ensinar um animal a acender e apagar a luz em um quarto escuro, mas o animal não seria capaz de, voluntariamente, deixar de realizar o gesto aprendido porque vê uma pessoa dormindo no quarto.

Um conceito central para a compreensão das concepções sobre o funcionamento psicológico é o conceito de Mediação. Mediação é o processo de intervenção de um elemento intermediário numa relação; a relação deixa, então, de ser direta e passa a ser mediada por esse elemento. Por exemplo: quando um indivíduo aproxima sua mão da chama de uma vela e a retira rapidamente ao sentir dor, está estabelecida uma relação direta entre o calor da chama da vela e a retirada da mão. Se, no entanto, o indivíduo retirar a mão quando apenas sentir calor e lembrar-se da dor sentida em outra ocasião, a relação entre a chama da vela e a retirada da mão estará mediada pela lembrança da experiência anterior.

Vygotsky trabalha, então, com a noção de que a relação do homem com o mundo não é direta, mas sim mediada por algum elemento.

Mediação é algum elemento interventor entre o estímulo(S) e a resposta (R) ou sujeito e objeto. Assim, a relação  $S \rightleftarrows R$  deixa de ser direta e passa a ter um mediador

Vygotsky distinguiu dois tipos de elementos mediadores importantes: os signos e os instrumentos.

Os signos conduzem os indivíduos a uma estrutura específica de comportamento que se destaca do desenvolvimento biológico e cria novas formas de processos psicológicos na cultura.

Eles são dirigidos para o próprio sujeito, são usados para auxiliar a solução de um determinado problema psicológico. Também podem ser utilizados como instrumentos auxiliando o homem em ações de memória ou atenção, como, por exemplo, usar pedras para registrar e controlar a quantidade de alguma coisa.

Já os instrumentos, para Vygotsky, possuem uma ligação com a teoria marxista. O autor busca compreender o homem através do estudo da origem e desenvolvimento da espécie humana, tendo o surgimento do trabalho e a formação da sociedade como a principal diferença entre homens e animais.

O instrumento é um elemento entre o trabalhador e o objeto de trabalho e é feito com um determinado objetivo. Dessa forma, a sua função é específica, transformando-se em um objeto social e mediador na relação do indivíduo com o mundo.

Em suma, os signos podem ser definidos como elementos que representam outros objetos, eventos, situações. A palavra “cama”, por exemplo, é um signo que representa o objeto “cama”; os instrumentos são externos – uma vasilha para colocar água, por exemplo.

Para que se possa compreender a origem dos instrumentos, é preciso salientar que Vygotsky utiliza o surgimento do trabalho e a formação da sociedade humana com o objetivo de entender e compreender as características humanas.

Vygotsky afirma que o instrumento é utilizado para um objetivo já determinado. Assim, tem por si, a função para o que já foi designado e seu modo de utilização “desenvolvido durante a história do trabalho coletivo” (Kohl, 1997,29).

Por sua vez, os signos agem como instrumentos da atividade, sendo orientados para o próprio indivíduo e para dentro de si. Enfim, são ferramentas utilizadas para auxiliarem nos processos psicológicos e não nas ações concretas como instrumentos.

Dessa forma, pode-se compreender que o signo é uma marca externa, cuja função é auxiliar o homem em tarefas de memória e atenção.

Por sua vez, os signos e os instrumentos possibilitam o processo da *internalização*, que acontece quando um signo passa a ter um significado para a pessoa. Por exemplo, a palavra “casa” só passa a ter um significado quando este signo passar a ter um significado para o indivíduo, ou seja, no momento em que ele internalizar o signo.

O processo pelo qual o indivíduo faz a internalização da matéria fornecida pela cultura não é um processo de absorção passiva, mas de transformação.

Esse processo é, para Vygotsky, um dos principais mecanismos a serem compreendidos no estudo do ser humano.

O desenvolvimento do ser humano, inserido em um certo grupo cultural, se dá de fora para dentro, primeiro no nível social e depois no individual.

Enfim, as funções psicológicas superiores devem ser buscadas nas relações sociais entre o indivíduo e o mundo: para Vygotsky o principal no funcionamento psicológico do ser humano é o social. Os elementos mediadores nessa relação – signos e instrumentos e qualquer elemento do ambiente humano que carrega um significado cultural - são fornecidos pelas próprias relações entre homem e mundo.

Com relação ao aprendizado, Vygotsky vem enfatizar sua importância no desenvolvimento do indivíduo.

Será o aprendizado, então, o responsável pelo despertar dos processos internos de desenvolvimento que, por sua vez, se não fosse o contato desse indivíduo com o ambiente, não seria possível.

A importância que Vygotsky coloca em relação ao papel do social no desenvolvimento dos indivíduos, fundamenta-se na elaboração de um conceito específico dentro de sua teoria, essencial para a compreensão de suas idéias sobre relações entre desenvolvimento e aprendizado: o conceito de Zona do Desenvolvimento Proximal (ZDP).

Vygotsky conceitua a Zona de Desenvolvimento Proximal como a distância entre o nível de desenvolvimento real e o nível de desenvolvimento potencial.

O nível de desenvolvimento real é a capacidade que o indivíduo tem de realizar tarefas independente de qualquer mediador, ou melhor, refere-se às etapas já alcançadas.

Vygotsky também apresenta o papel da intervenção pedagógica entre o desenvolvimento e o aprendizado. Se o aprendizado impulsiona o desenvolvimento, a escola tem um papel essencial na construção do ser psicológico adulto dos indivíduos que vivem em sociedades escolarizadas. Porém, o desempenho desse papel somente será adequado quando, conhecendo o nível de desenvolvimento dos alunos, a escola dirigir o ensino para estágios de desenvolvimento ainda não alcançados pelos alunos, assim funcionando como incentivador de novas conquistas psicológicas.

Vygotsky afirma que a compreensão das relações entre pensamento e linguagem é essencial para a compreensão do funcionamento psicológico do ser humano.

O pensamento e a linguagem têm origens diferentes e desenvolvem-se segundo trajetórias diferentes e independentes.

Antes do pensamento e a linguagem se associarem, existe na criança pequena a fase pré-verbal do pensamento e a pré-intelectual da linguagem.

A partir dessas exposições é possível concluir que o pressuposto básico da obra de Vygotsky é que as origens das formas superiores de comportamento consciente devem ser encontradas nas relações sociais do homem.

Entretanto, ele não via o homem como um ser passivo, mas como ativo que age sobre o mundo, transformando as ações para que constituam o funcionamento de um plano interno.

As funções psicológicas emergem e se consolidam no plano de ação entre as pessoas e tornam-se internalizadas. O plano interno não é a cópia do externo, pois ocorrem transformações ao longo do processo de internalização.

Concluindo, Vygotsky enfatizou o processo de internalização como mecanismo que intervém no desenvolvimento das funções psicológicas complexas. O plano interno não preexiste, mas é constituído pelo processo de internalização, fundado nas ações, nas interações sociais e na linguagem.

Dessa forma, como foi apresentado anteriormente, Vygotsky apresenta que o indivíduo se desenvolve de “fora” para “dentro”, sendo assim a linguagem que utiliza para se comunicar com o mundo exterior é de extrema importância.

Assim, é de extrema importância que o professor, mediador do processo ensino-aprendizagem, faça com que sua linguagem seja compreendida pelo aluno e vice-versa.

## **10) Objetivos da pesquisa:**

Esta pesquisa tem como objetivo analisar a linguagem que o professor ouvinte (que ouve) utiliza com o aluno surdo, e a sua implicação no processo de ensino - aprendizagem. Ou seja, como a interação do professor ouvinte e aluno surdo se dá, uma vez que o primeiro não possui uma formação específica para trabalhar com o segundo.

Para que o objetivo geral possa ser alcançado, foram formulados os seguintes objetivos específicos:

Analisar a formação que o professor possui para lidar com a dificuldade de comunicação, no caso com um aluno surdo.

Analisar as diversas linguagens que podem ser e são utilizadas e suas exigências na sala de inclusão.

Analisar a maneira como a interação do professor-ouvinte e aluno-surdo interfere no processo de ensino-aprendizagem.

Analisar como se dá o processo de aprendizagem, se partirmos do pressuposto de que o professor mediador não possui formação adequada para lidar com aluno surdo dentro da sala de aula.

## **11) Metodologia**

### **11.1) Corpus da pesquisa**

Essa pesquisa se constituiu a partir da observação da interação de professores ouvintes e um aluno surdo, inserido numa escola regular.

### **11.2) Escola e aluno pesquisado.**

A pesquisa foi realizada em uma escola estadual, que atende apenas o primeiro ciclo do ensino fundamental, da rede da cidade de Campinas, mais precisamente na 3ª A, do período da manhã.

Esta escola foi escolhida por ter sido a única, dentro de muitas que visitei, que aceitou que o trabalho fosse realizado.

Foram observadas três professoras ouvintes interagindo com a mesma aluna surda.

As três professoras são:

- Iracema , professora polivalente
- Sandra, professora de educação artística
- Regina , professora de educação física

### **11.3) Procedimento para coleta de dados:**

A pesquisa se deu em duas etapas:

- 1ª) observação do aluno surdo na classe de aula, enfocando o objetivo do trabalho;
- 2ª) uma entrevista com as professoras de educação artística e com a polivalente

## 12) Análise

A análise das entrevistas e das observações em sala de aula nos permite fazer algumas afirmações a respeito da interação da linguagem entre o professor ouvinte e aluno surdo, inserido em uma classe regular de ensino fundamental.

Nas observações em sala de aula, ficou evidente que, enquanto uma professora somente se utilizava da linguagem verbal a outra utilizava toda e qualquer linguagem que pudesse facilitar o entendimento de sua aluna, desde a Língua de Sinais até gestos.

Na aula de educação artística, por exemplo, onde a professora somente utiliza a linguagem oral, Tayse tinha dificuldade para compreender a tarefa, o que parecia lhe causar um constrangimento, uma vez que a professora exigia que ela “ouvisse” o que ela dizia. Assim, Tayse recorria aos seus colegas de classe, que a ajudava não tendo, portanto, autonomia para realizar as tarefas.

Exemplo da Tayse na aula de educação artística:

*“Ditado: Enquanto a professora fazia o ditado da aula, Tayse presta atenção na colega ao lado e na fala da professora.*

*Aula de educação artística: Tema:* {  
FOLCLORE  
MÚSICAS

*Esta aula é lecionada por outra professora, não a polivalente, e, portanto, o contato com as crianças restringe-se a duas aulas, de 50 minutos cada, por semana*

*A professora não utiliza outra linguagem, a não ser a oral. Isto dificulta muito a aprendizagem de Tayse. O fato da professora somente falar e ainda por cima rápido e virada de costas para a aluna não proporciona o entendimento da tarefa.*

*Nesta aula, como eu estava perto de Tayse, ela pedia para que a ajudasse.*

Como sempre procurei não interferir nas relações professor-aluno, lhe disse para perguntar à professora o que era para fazer. Infelizmente a professora apenas falou e virou as costas. Tayse continuou sem saber e acabou perguntando novamente para mim o que deveria ser feito. Insisti para que procurasse a professora novamente. Ela, desistindo da idéia, perguntou a uma amiguinha que respondeu com gestos e uma fala mais devagar. Sendo assim, Tayse compreendeu que era para desenhar e escrever uma das músicas que a professora tinha cantado.

*Novamente, Tayse olha para mim e pergunta por Língua Brasileira de Sinais:*

*Que música? Não ouvi cantar música!*

*Antes que respondesse, Tayse virou-se para o lado e mais uma vez pediu explicação para a colega. Por fim, copiou a música do saci pererê. (ao copiar a música teve alguns erros de português, pedindo para que eu a acompanhasse na escrita)*

*Na aula de português, Iracema, a professora polivalente, passou um texto na lousa. Notando que Tayse estava um pouco distraída, Iracema, lhe disse (com LIBRAS) que tinha que fazer o texto para ir para a aula de educação física.*

*Já na aula de educação física as crianças continuaram a assistir um desenho animado.*

*Como o filme era dublado, fiquei observando as reações de Tayse, que foram as mais diversas: riu, não do desenho mas das brincadeiras dos meninos no fundo da sala; ficou olhando o filme e ficou brava por causa da bagunça.*

*No final da aula resolvi perguntar a ela se havia entendido o desenho. Com sinal das mãos "mais ou menos" me explicou que não conseguiu entender o desenho pelas falas, mas sim pelas figuras, mesmo assim teve dificuldades."*

Enquanto a professora de educação física usa apenas a fala para interagir com Tayse, a professora polivalente utiliza várias linguagens (gestos -LIBRAS, desenhos..), parecendo reconhecer que a aluna possui uma especificidade e não uma incapacidade. Agindo assim ela torna possível o aprendizado de Tayse, que ocorre de maneira natural.

Na interação com as duas professoras, de educação física e artística, falta linguagem acessível na mediação.

A mediação, para Vygotsky, constitui um processo de intervenção de elemento sócio-histórico nas relações entre sujeito e mundo: ele abandona a idéia de que a experiência no mundo não necessita de mediações e entende que esta relação entre o sujeito e o mundo passa a ser mediada por elementos, tais como um instrumento, um signo, que auxiliam nas atividades psíquicas.

A questão do pensamento e da linguagem se faz presente para que seja possível a compreensão do modo como esses eventos ocorrem.

Enfim, como vimos anteriormente, Vygotsky afirma que a linguagem age de modo decisivo na estrutura do pensamento, e sua função é atuar para a modificação do desenvolvimento e da estrutura das funções psicológicas superiores.

Segundo Pedroso (2001), o “desenvolvimento da linguagem e a aquisição de uma língua e de sua estrutura são processos que, fundamentalmente, ocorrem na interação, portanto, aliados aos problemas emocionais, sociais, afetivos e cognitivos podem-se incluir, no caso dos surdos, os de ordem lingüística, decorrentes da ausência de interação entre surdos” ( p.10)

Em relação à inclusão, este trabalho levanta algumas questões em relação à preparação do professor para receber o aluno surdo ou mesmo alunos com outras necessidades educacionais especiais.

1ª: como implantar a inclusão, se os profissionais não estão capacitados?

2ª : quando fazer a inclusão? Será necessário primeiro esperar a capacitação ou incluir para obrigar esta ação?

Foi possível perceber, na observação da interação da aluna surda com os professores ouvintes, as duas posições em uma mesma escola: duas professoras com a mesma formação, ou seja, não capacitadas a trabalhar com alunos com necessidades educacionais especiais.

Duas das professoras não conseguem de maneira alguma interagir com a aluna surda, enquanto a outra interage da melhor maneira possível, não afetando negativamente o processo de ensino-aprendizagem da aluna, muito pelo contrário, Tayse é uma ótima aluna.

Para que a inclusão seja bem sucedida vimos que existem leis exigindo tal implantação.

A Declaração de Salamanca, por exemplo, proclama que todas as pessoas portadoras de necessidades educacionais especiais tenham a educação realizada em escolas regulares. Ela vem legitimar a participação dessas pessoas nas decisões relacionadas às suas vidas e reconhecer o direito de escolherem sua educação proclamando no artigo 2:

“ qualquer pessoa portadora de deficiência tem o direito de expressar seus desejos com relação à sua educação, tanto quanto esses possam ser consultados sobre a forma de educação mais apropriada às necessidades, circunstâncias e aspirações de suas crianças.”

Por sua vez, a Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional (lei n 9394/96), vem estabelecer, em seu artigo 58, que a educação escolar dos alunos com necessidades educacionais especiais deve ocorrer na rede regular de ensino. A referida lei prevê apoio específico para atender as instituições especializadas, como também elege o investimento na ampliação do atendimento do aluno com necessidades educacionais especiais na rede regular de ensino.

Todavia, ainda encontramos professores despreparados para tais situações, o que acaba comprometendo o desempenho desses alunos, que são tratados como ouvintes e também se torna um motivo pelo qual os professores justificam as dificuldades que encontram na interação com esses alunos e frente ao processo de ensino-aprendizagem.

No entanto, também encontramos professores que, mesmo não preparados durante sua formação, buscam capacitação adequada para atender as necessidades de todos seus alunos, tendo ou não necessidades educacionais especiais.

É importante lembrar que nenhum aluno aprende o conteúdo se for transmitido por meio de uma língua que não domina, o que restringe sua aprendizagem a uma quantidade e qualidade reduzida.

Segundo Skliar (1998, p. 8), o que pode fracassar “na educação dos surdos” são as “representações ouvintistas acerca do que é sujeito surdo, quais são os seus direitos lingüísticos e de cidadania, quais são as teorias de aprendizagem que refletem as condições cognitivas dos surdos, quais as epistemologias do professor ouvinte na sua aproximação com os alunos surdos, quais são os mecanismos de participação das comunidades surdas no processo educativo, etc.” Ouvistismo para o autor :

“Trata-se de um conjunto de representações dos ouvintes , a partir do qual o surdo está obrigado a olhar-se e narrar-se como se fosse ouvinte. Além disso, é nesse olhar-se, e nesse narrar-se que acontecem as percepções do ser deficiente, do não ser ouvinte; percepções que legitimam as práticas terapêuticas habituais.” (Skliar, 1998, p. 9).

Visto que para Vygotsky, o indivíduo somente se constitui se relacionando socialmente, para que ocorra um desenvolvimento cultural é fundamental e imprescindível a utilização da linguagem.

Segundo Góes (1999),” a linguagem participa da constituição do pensamento e repercute sobre as funções mentais, propiciando transformações na atenção, memória, no raciocínio etc. A ênfase na instância de significação de experiências expande as idéias anteriores - de que a linguagem participa das relações interpessoais”.(p.32)

Sendo assim, pode-se compreender a linguagem como fundamental para a constituição do indivíduo, conseqüentemente dependendo da maneira como for utilizada terá um determinado resultado, podendo ser positivo ou negativo.

Nesse trabalho, tivemos dois exemplos de como a utilização da linguagem interfere no processo de aprendizagem de um aluno.

No primeiro caso, a professora que se utiliza de diversas linguagens para que sua aluna compreenda o conteúdo da melhor maneira possível obteve um resultado positivo; já no outro, duas professoras que se utilizam de apenas a linguagem verbal, a qual a aluna não compreende devido sua deficiência auditiva, prejudicando de maneira imensurável ao seu aprendizado.

Posteriormente a todos os fatos observados e teorias colocados neste trabalho, é possível concluir que a educação deve basear-se na capacidade do aluno, tendo ele ou não, algum tipo de necessidade educacional especial.

Dessa maneira, deve-se compreender que a:

*“deficiência não torna a criança um ser que tem possibilidades a menos; ela tem possibilidades diferentes. Dessa perspectiva, a deficiência não deve ser concebida como falta ou fraqueza, já que o indivíduo pode encontrar, a partir das relações sociais, outras formas de desenvolvimento com base em recursos distintos daqueles tipicamente acessíveis na cultura. Por isso, o diagnóstico e planejamento educacional devem orientar-se para os pontos forte da criança, e não para a falta.”*  
(Góes, 1999, p.35)

### **13.) Considerações finais**

Após as observações realizadas, posso concluir, que tudo depende não somente de uma formação, mas também da disponibilidade e do compromisso dos profissionais da área da educação.

Pode-se notar que a professora polivalente, Iracema, está muito bem qualificada para trabalhar com Tayse, porém isso não significa que sua formação tenha contemplado a educação de surdos. No entanto ela demonstra que, diante de uma situação diferente procurou uma maneira para lidar com o inesperado. Nas aulas, ela sempre fez o possível para que Tayse fosse respeitada por todos, não a tornando uma incapacitada pelo fato de sua surdez. Pelo contrário, Tayse era sempre exigida da mesma maneira que seus colegas, todavia, Iracema sabia que algumas atitudes sua aluna não poderia fazer, por exemplo: falar verbalmente.

Este comportamento, no entanto, não foi observado, infelizmente nas outras disciplinas, como, educação física e artística.

As professoras falavam com Tayse sem usar nenhum recurso que possibilitasse a compreensão. Além disso, falavam rápido e , muitas vezes, de costas para a aluna. Tratam Tayse como se ela não fosse surda, dificultando, assim, seu processo de ensino-aprendizagem.

## 14)Referências Bibliográficas:

BRASIL (1997) "Declaração de Salamanca sobre principio política e prática em educação especial." Disponível em [http://www.direitoshumanos.usp.br/documentos/tratados/deficientes/declaracao\\_salamanca.html](http://www.direitoshumanos.usp.br/documentos/tratados/deficientes/declaracao_salamanca.html)

BRZEZINSKI, Iria(org.) "LDB interpretada:diversos olhares se entrecuzam". São Paulo: Cortez, 1997

DOZIART,A. "Concepções de surdez e de escola: pontos de partida para um pensar pedagógico em escola pública de surdos" São Carlos/SP: Tese de doutorado, UFSCAR. 1999

GÓES , Maria Cecília Rafael de . "Linguagem , surdez e educação". Campinas, SP. Editora: Autores associados , 1999

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. "Inclusão escolar, O que é? Por quê? Como fazer?" São Paulo: Moderna, 2003.

OLIVEIRA, Martha Khol de. "Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento : um processo histórico". São Paulo: Scipione,1997

PEDROSO, Cristina Cinto Araújo, "Com a palavra o surdo: aspectos de seu processo de escolarização" Tese de mestrado, Ufscar, 2001

SKLIAR, Carlos. "Uma perspectiva sócio-histórica sobre a psicologia e a educação de surdos" In Skliar, Carlos(org) "Educação e exclusão: abordagens sócio-antropológicas em educação especial" Porto Alegre: Mediação, 1997

SKLIAR, Carlos. "A surdez, um olhar sobre as diferenças" Porto Alegre : Editora Mediação , 1998

## 15)Obras consultadas:

ARAÚJO , Ulisses F. & AQUINO , Júlio Groppa. "Os direitos humanos na sala de aula , a ética como transversal." São Paulo : Moderna , 2001.(Educação em pauta : temas transversais)

BALLANTYNE, John C. "Surdez" tradução Sandra Costa ; consultoria , supervisão e revisão desta edição : Vera Garcez . Porto Alegre : Artes Médicas. 1995

FERNANDES, Eulália. "Linguagem e surdez" Porto Alegre: Artmed , 2003

JOSÉ, Elisabete da Assunção & COELHO , Maria Teresa. "Problemas de aprendizagem", São Paulo , editora Ática , 1996

MOURA, Maria Cecília de. "O surdo , caminhos para uma nova identidade". editora Revinter Ltda. 2000/ FAPESP.

SURDEZ:abordagem geral- Karin Lilian & Sylvania Maia Silva Dias,1995-  
FENEIS

Série Audiologia 1,2,3,4-1998-INES

VEER , René Van der & VALSINER , Jaan. "Vygotsky , uma síntese". Tradução Cecília Bartalotti. São Paulo ; Edições Loyola .1996

VYGOTSKY,L. S. "A formação social da mente" SP, Martins Fontes,1987

VYGOTSKY,L. S. "Pensamento e linguagem" Martins Fontes,1988

VYGOTSKY,L. S. "linguagem, desenvolvimento e aprendizagem" SP, Ícone,1988

## 16) Anexo 1

Exemplos de alguns momentos da observação

“E.E.P.G. Vitório Zamarion”

Observação de campo

**(09/abril)1º DIA: observação na 3ª série**

Contexto: uma professora ouvinte, 29 alunos ouvintes e uma aluna surda.

Existe uma aluna facilitadora, a Bela, que senta ao lado de Tayse e que também a auxilia em situações de complexidade pequena

Contexto: uma professora ouvinte, 29 alunos ouvintes e uma aluna surda.

Em nenhum momento a professora se relaciona com Tayse com diferença, ela sabe que a aluna não ouve, porém não faz disso uma desculpa para que seu ensino seja “facilitado”.

**(16/abril)3º DIA: observação na 3ª série**

Iracema, pede para Tayse ficar mais calma e menos “falante”, pois está atrapalhando a explicação das atividades do dia.

Ensaio da música para festa da Páscoa.

Tayse fica apenas olhando as outras crianças cantarem e acompanha o balanço dos corpos no ritmo.

**(23/abril)4º dia**

Os alunos estão estudando sobre a cidade de Campinas.

Para isso a professora pediu para que todos trouxessem um trabalho por escrito sobre o tema. Como a maioria tinha feito a lição, Iracema pede para que cada criança pegue seu trabalho e conte algo sobre a cidade. (por exemplo: porque Campinas tem esse nome, como surgiu, quais celebridades são conterrâneos e assim por diante..)

Tayse não tinha realizado a lição e, enquanto seus colegas procuravam o que a professora tinha pedido, ela ficava conversando com a Bela. Ao notar que as duas não estavam prestando atenção na aula, a professora dirigiu-se às duas e perguntou(oralmente):

\_Cadê o trabalho sobre Campinas, dona Tayse e dona Bela?

\_Ah professora! Tá lá no mural? respondeu Bela

\_Então vá pegá-lo! Exclamou Iracema. E o seu dona Tayse?? Agora perguntando por meio de gestos e de sinais, da Língua de Sinais.

\_A Débora ficou de me ajudar! Tayse responde em LIBRAS.

\_Eh! Mas você tem que fazer, né Tayse?! Não é só para ficar esperando a dona Débora também! Iracema, se referindo à fonoaudióloga de Tayse.

Posteriormente a essa interrupção, Iracema retorna ao conteúdo do dia, e faz uma aula expositiva, com troca de informações com seus alunos. Tayse, sempre de olho nos lábios da professora, faz sinal de que está entendendo; nos momentos em que não entende balança a mão para que a professora repita, quando isso acontece, Iracema se utiliza de alguns sinais da LIBRAS.

**(30/abril)5º dia**

Como todos os alunos tinham feito os trabalhos , Iracema, avança mais sobre o conteúdo.

Neste dia , os alunos fizeram uma recapitulação da aula anterior e descobriram mais coisas em relação à cidade de Campinas.

Tayse estava super motivada.

Participou de maneira muito ativa, colaborava com informações novas, sempre através da LIBRAS. A maioria dos alunos compreendia tudo o que ela queria dizer; para aqueles que não conseguiam , Iracema, repetia -da mesma maneira que fazia com todos os alunos- o que ela falava, fazendo o gancho com a aula.

#### **(07/maio)6º dia**

Os alunos deveriam junto com a professora compor um texto(resumo) sobre tudo o que viram , a respeito da cidade de Campinas.

Desta tarefa , Tayse, não participa, de maneira ativa, ou seja , apenas entende o texto que está sendo elaborado, - pelos alunos , com a ajuda da professora -na lousa, o copia , não fazendo comentário algum, mas mostrando que está entendendo, Iracema, perguntava em vários momentos , se estava tudo bem e Tayse respondia de maneira afirmativa.

#### **(09/05)- 7º dia**

apresentação em comemoração ao dia das mães

#### **(14/05) 8º dia**

Como na aula anterior foi feito um resumo sobre a matéria, a professora pediu para que os alunos fizessem um texto individual sobre a cidade de Campinas, ou seja , uma

prova. Esta tarefa foi realizada durante todo o período da aula, pois os alunos têm nesse dia também, aulas de educação física e artística.

Na aula de educação física e educação artística as professoras não utilizam outra forma a não ser a verbal. Para que Tayse possa acompanhar as aulas ela sempre pede a ajuda de algum colega.

**(21/05)9º dia**

Neste dia os alunos tiveram as seguintes aulas:

Nas aulas de Religião, Educação artística, Educação física, não há outra linguagem a não ser a oral. Nas disciplinas referidas acima, a única linguagem utilizada é a verbal. Fazendo com que Tayse peça auxílio para algum colega.

**(28/05)10º dia**

Continuação do trabalho com as regiões políticas do Brasil.

Hoje, foram vistas cada uma por sua característica.

Para explicá-las, Iracema, em alguns momentos se utilizou dos sinais da LIBRAS, em relação aos Estados, para que Tayse pudesse acompanhar normalmente.

**(11/06) os alunos foram para a Faber-Castel**

**(18/06)12º dia**

Ensaio da quadrilha para a festa junina, após este acontecimento os alunos tiveram aula de educação física, religião e educação artística; cada disciplina com uma professora diferente.

### 13º dia

#Tayse leva as provas para fazer junto com a fonoaudióloga.

#Vai de duas à três vezes por semana na fonoaudióloga.

#Hoje o acontecimento foi : Tayse chegando atrasada na aula.

Ao chegar atrasada na aula, a professora mostra à aluna o relógio de pulso, sinalizando o atraso. Então, para justificar o atraso , na hora, Tayse conta por meio da LIBRAS , o motivo pelo qual tinha chegado atrasada.(Conta que chegou atrasada porque sua mãe perdeu hora no café da manhã).

Como chegou atrasada , Tayse distraída acaba não entendendo porque todos os alunos estão de cabeça abaixada e falando.

Ao perceber o não entendimento de sua aluna , Iracema, a professora, lhe explica – pela LIBRAS- que é uma oração oferecida a um dos alunos da sala que estava muito doente. Dessa maneira, Tayse faz sinal com a cabeça de que havia entendido.

Ao começar a aula , a professora pede -oralmente- que os alunos procurem uma determinada palavra no dicionário. Tayse, como presta muita atenção é a primeira aluna a encontrar.

—“Tão vendo?! Ela foi a primeira que encontrou e vocês ainda demoram. Posso até pedir para ela explicar!” exclamou a professora

Tayse olhou com reação interrogativa para a professora.

\_“É. Mas é difícil para você falar, né?!” Afirmou Iracema.

\_“Tá vendo Rô? Ela já procurou , achou... as vezes até esqueço.” Se dirigindo à mim.

#### 14º dia

Ditado: Enquanto a professora fazia o ditado da aula, Tayse presta atenção na colega ao lado e na fala da professora.

Aula de educação artística: Tema: **FOLCLORE** { **brincadeiras**  
**Músicas**

Esta aula é lecionada por outra professora , que possui contato com as crianças durante duas aulas, de 50 minutos cada, por semana.

*A professora não utiliza outra linguagem, a não ser a oral. Isto dificulta muito a aprendizagem de Tayse. O fato da professora somente falar oralmente e ainda por cima rápido e virada contra a aluna não proporciona o entendimento da tarefa*

Nesta aula, como estava perto de Tayse , ela própria pedia para que a ajudasse.

Como sempre procurei não interferir nas relações professor-aluno, lhe disse para perguntar à professora o que era para fazer. Infelizmente a professora apenas falou e virou as costas, Tayse continuou sem saber e acabou perguntando novamente para mim o que deveria ser feito, insisti para que procurasse a professora novamente. Ela desistindo da idéia, perguntou à uma amiguinha que respondeu com gestos e uma fala mais devagar.

Sendo assim, Tayse compreendeu que era para desenhar e escrever uma das músicas que a professora tinha cantado.

Novamente , Tayse olha para mim e pergunta por libras:

\_Que música? Não ouvi cantar música!

Foi então, que mais uma vez ela pediu explicação para a colega ao lado e copiou a música do *saci pererê*.(ao copiar a música teve alguns erros de português que pediu para que fosse acompanhando)

Na aula de português, Iracema passa um texto na lousa. Notando que Tayse estava um pouco distraída lhe diz(com LIBRAS) que tem que fazer o texto para ir para a aula de educação física.

Já na aula de educação física as crianças foram continuar a assistir um desenho animado.

Logo pensei que a professora fez algo para que Tayse pudesse acompanhar as falas.

Engano meu. Como o filme era dublado , fiquei observado as reações de Tayse, que foram as mais diversas: riu, não do desenho mas das brincadeiras dos meninos no fundo da sala; ficou olhando o filme e ficou brava por causa da bagunça.

No final da aula resolvi perguntar à ela se havia entendido o desenho.Com sinal das mãos “mais ou menos” me explicou que não conseguiu entender o desenho pelas falas(óbvio), mas sim pelas figuras, mesmo assim teve dificuldades.

#### **15º dia**

**Tayse não compareceu à aula**

#### **16º dia**

Antes de entrar para a sala, hoje os alunos cantaram os hinos da Independência e o Nacional.

Tayse, como não ouvia nada apenas ficou ao meu lado. Hora tentando conversar comigo durante a cantoria, hora mexendo com a amiga da frente da fila.

Iracema corrige verbalmente a lição de português. Tayse, se utiliza da correção da colega que está ao seu lado, porém , a professora está sempre observando as correções, para que Tayse não corrija de maneira errada.

Como hoje foi um dia da semana da pátria as crianças utilizaram grande parte do tempo na escola para cantar hinos e ensaiar o desfile do dia seguinte.

#### **17º dia**

**não houve aula(reunião de professores)**

## 17) Anexo 2

### Entrevista feita com a professora de educação artística:

**Rosana:** Olá Sandra , será que eu poderia lhe fazer algumas perguntas?

**Professora :** Se não for demorar muito tudo bem.

**Rosana:** Sandra como você se sente dando aulas para alunos com necessidades educacionais especiais?

**Professora** Invasida!

**Rosana :** Como assim invasida?

**Professora:** as vezes dá a impressão que eles não estão nem aí, eu fico um pouco nervosa, principalmente quando junta alunos que não se comportam em aula.

OBS: acho que aqui ela entendeu alunos que não prestam atenção nas aulas, que segundo ela “fazem bagunça”

**Rosana:** Como você interage com alunos que , por exemplo, possuem uma certa deficiência auditiva?

**Professora** bem.

**Rosana:** E como é a sua interação na linguagem com eles?

**Professora:** Ah! Eu , as vezes, escrevo na lousa. Outras vezes os próprios colegas ajudam essas crianças. Por exemplo: à tarde tem um menino que tem implante...

**Rosana:** implante coclear?

**Professora:** Isso, e ele já virou até bagunceiro.. É isso, assim que me interajo com eles. Tá bem?

**Rosana:** Obrigada

OBS:a professora teve um pouco de resistência em responder abertamente às minhas perguntas.

## **18)Anexo 3**

### **Entrevista com a professora polivalente**

**Rosana:** Qual a sua formação para trabalhar como educadora?

**Iracema:** Fiz magistério

**Rosana:** E este curso lhe trouxe uma formação sobre surdez, ou como lidar com um aluno surdo em sala de aula, regular ou não?

**Iracema:** Não

**Rosana:** É a primeira vez que você está com um aluno surdo em sala?

**Iracema:** Não, já tive outros alunos com surdez, o ano passado por exemplo também tive outra menina.

**Rosana:** Como foi trabalhar pela primeira vez com um aluno surdo?

**Iracema:** Tive algumas dificuldades sim, pois era a primeira vez. Porém, nunca fiz da deficiência auditiva uma incapacidade intelectual ou emotiva, etc. sempre tratei meus alunos com igualdade, respeitando as diferenças, mas não os tornando incapazes. Para que eles compreendam tudo faço qualquer sacrifício, se precisar planto bananeira na sala de aula.

**Rosana:** E a gora , Iracema, depois de algumas situações parecidas, como é para você, ter na sala de aula uma aluna surda?

**Iracema:** Normal. Eu sei que não posso fazer algumas coisas que faço com quem ouve, seja aluno ou não, como por exemplo, somente falar oralmente, falar de costas, gritar -não

adianta nada, e assim por diante; mas não deixo de maneira alguma de dar bronca, elogiar, etc. O que temos que ter na cabeça é que todos nós somos diferentes, em qualquer coisa, ninguém é igual a ninguém, portanto, é preciso sim respeitar as diferenças, mas não fazê-las tornarem-se incapacidades.

**Rosana:** O que você acha da inclusão?

**Iracema:** Acho importante e necessária. É preciso formar uma sociedade sem preconceitos, e isso, começamos pelas crianças, na própria escola, pois se eles vêem e aprendem que diferenças são normais e que todos nós somos diferentes em algum aspecto, respeitarão as pessoas como hoje, infelizmente, ainda não acontece.

